



IMAGENS DE CONTROLE E A CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS LITERÁRIOS DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL ENTRE O PERÍODO DE 1860 A 1920: UM ESTUDO DA TRAJETÓRIA DA MARIA FIRMINA DOS REIS

Maíra Honorato Marques de Santana¹

Universidade de Brasília (UnB), DF, Brasil

RESUMO: Este artigo discute o processo de consagração e circulação dos textos de escritoras negras, especialmente Maria Firmina dos Reis, tomando como referência o fenômeno da *interseccionalidade*, descrito por Davis (2016), e a noção de *trajetória social*, formulada por Bourdieu (1996). No campo literário brasileiro, a invisibilidade das experiências dessas escritoras é evidente e resulta em baixo reconhecimento e limitada consagração de suas produções. Nesse sentido, como aponta bell hooks (1995), estudar mulheres negras sem considerar suas trajetórias constitui uma falha metodológica, pois seus escritos expressam o fenômeno que Conceição Evaristo denomina *escrevivência*, em que a experiência vivida orienta e constitui a poética. A metodologia deste trabalho consiste em analisar a formação das instâncias legitimadoras que possibilitaram, ainda que tardiamente, a legitimação de Maria Firmina, relacionando suas questões emocionais à construção de suas narrativas.

Palavras-chave: Campo Literário; Maria Firmina dos Reis; Economia das Trocas Simbólicas; Escravidão; Período Oitocentista.

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora substituta do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora na área de gênero, raça, campo literário e interseccionalidade. Coordenadora Executiva da ABECS – Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, Unidade Regional Pernambuco. Membro do corpo editorial da Revista Cadernos da Associação Brasileira do Ensino das Ciências Sociais (CABECS). Desenvolve pesquisa sobre trajetória de escritoras e intelectuais negras, feminismo negro e ensino de sociologia. E-mail: mairahms@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2249-6997>



CONTROL IMAGES THE CIRCULATION ON BLACK WOMEN'S LITERARY TEXTS IN BRAZIL BETWEEN THE PERIODS FROM 1860 TO 1920: A STUDY OF THE TRAJECTORY OF MARIA FIRMINA DOS REIS

ABSTRACT: This article discusses the process of consecration and circulation of texts by Black women writers, particularly Maria Firmina dos Reis, taking as reference the phenomenon of intersectionality, described by Davis (2016), and the notion of social trajectory, formulated by Bourdieu (1996). In the Brazilian literary field, the invisibility of these writers' experiences is evident and results in low recognition and limited consecration of their works. In this sense, as bell hooks (1995) points out, studying Black women without considering their trajectories constitutes a methodological failure, since their writings express the phenomenon that Conceição Evaristo calls *escrevivência*—in which lived experience guides and constitutes the poetics. The methodology of this work consists in analyzing the formation of the legitimizing instances that enabled, albeit belatedly, the legitimation of Maria Firmina, relating her emotional issues to the construction of her narratives.

Keywords: Literary field; Maria Firmina dos Reis; Economy of symbolic exchanges; Slavery; 19th century period.

INTRODUÇÃO

Uma das principais dificuldades em analisar o pensamento literário e social das mulheres negras está em identificar se estas mulheres negras ou estas negras mulheres estão inicialmente categorizadas nas questões de raça ou de gênero. Este problema foi particularmente discutido por Ângela Davis (2016) – primeira teórica negra a recortar o fenômeno de interseccionalidade. Em razão disso, a autora propõe que este tema seja visto de forma transversal, articulando as categorias de raça, gênero e classe.

Mas mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens,



eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 19).

Coadunando com a perspectiva de Davis (2016), bell hooks (1995) tenta destacar a necessidade de compreender os escritos das mulheres negras como uma leitura epistemológica de mundo na medida em que elas, ao trazerem o enfrentamento dos seus dilemas, tecem uma nova leitura da realidade. Destacar as intelectuais negras e a dificuldade que elas enfrentam ao se colocarem no lugar de pensadoras, é atravessar um contínuo da história no qual muitas delas, além de viverem os impactos simbólicos e afetivos do desemprego, da marginalização, do trabalho doméstico, dentre outras tantas formas de espoliação, também sofrem, até hoje, os efeitos das questões simbólicas relativas aos estigmas que decorrem da exploração de sua sexualidade. De intelectuais à escritoras, essas mulheres trazem no bojo de suas ações reflexos do trabalho doméstico e braçal, aos quais muitas vezes ainda se sentem ligadas. Segundo Davis (2016)

Desde o período da escravidão, a condição de vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas tem sustentado muitos dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e “promíscuas”. Mas as aparentes inépcia e promiscuidade são mitos que se confirmam repetidamente pelo trabalho degradante que elas são obrigadas a fazer. Como W. E. B. Du Bois disse que qualquer homem branco “decente” cortaria o pescoço da própria filha antes de permitir que ela aceitasse um emprego doméstico (DAVIS, 2016, p.101).

Essa invisibilidade a qual vivem em suas experiências é marcante quando observamos o campo literário brasileiro e o pouco reconhecimento e consagração da atuação das mulheres negras. Neste aspecto, percebemos que estudar



mulheres negras, como destaca bell hooks (1995), sem destacar as suas trajetórias, constitui-se em falha metodológica, já que seus escritos trazem um fenômeno descrito por Conceição Evaristo² sob a alcunha de *escrevivência*, sobretudo porque os seus textos não se desligam da violência cotidiana a qual estão submetidas.

Além disto observa-se através das suas narrativas fortemente marcadas pela dor, questões como a do *racismo estrutural*, que pode ser definido como:

Como ensina Anthony Giddens, a estrutura “é viabilizadora, não apenas restritora”, o que torna possível que as ações repetidas de muitos indivíduos transformem as estruturas sociais. Ou seja, pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um álibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do

² Por meio da biografia da escritora, é possível perceber que a *escrevivência* se desenvolve a partir do próprio processo de constituição de Conceição Evaristo como autora percebe que é através da *escrevivência* dessas mulheres que ela reconstrói e renegocia sua identidade de mulher negra e pobre. Marcada por formas de dominação que incluem separações, deslocamentos e desmembramentos, ela constrói através da escrita estratégias de reversão da condição fragilizada da mulher negra e modos alternativos de redefinição de suas identidades” (LIEBIG, 2016, p. 06 *apud* SOARES; MACHADO, 2017, p. 206). A *escrevivência* marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assume o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e vozes, a história de um “nós” compartilhado. Além disso, autoras reconhecem que essa metodologia coloca em perspectiva a dicotomia entre sujeito de pesquisa/pesquisadora, ao transformar discursos sobre mulheres negras em narrativas em primeira pessoa (FERREIRA, 2013; VICTORINO, 2015, MATTOS; XAVIER, 2016 *apud* SOARES; MACHADO, 2017, p. 206).



racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2019. P.34)

Essas questões que se ligam ao racismo estrutural e, portanto, presentes nos espaços públicos e institucionais fazem com que esses aspectos redundem na exclusão do indivíduo do complexo social, desembocando comumente em problemas tais como a fome, o genocídio e o desemprego. Por isso, entendo que aprofundar a pesquisa, análise e reflexão deste estilo estético – a *escrevivência* – é compreender a contraposição das mulheres negras às “imagens de controle” (Collins, 1990). Logo, a *escrevivência*, assim como a interseccionalidade, é mais que um conceito, é uma ferramenta metodológica para compreender a episteme das mulheres negras.

Neste sentido, respaldada no argumento de Collins (1990), suspeita-se que a busca de enunciação das mulheres em locais tais como as atividades intelectuais e literárias, tem relação com táticas de fuga dessas imagens de controle, que são estereótipos construídos desde o Brasil Colonial, a exemplo dos enquadramentos da empregada doméstica, da ama de leite e da mulata sensação, reproduzidos através dos espaços de construção de representações e ideologias tais como a literatura, meios de comunicação e outras formas de produção cultural.

Antônio Candido (1985) já aponta a premência de se refletir sobre a necessidade de narrativizar o país em busca de uma identidade nacional, bem como as dificuldades encontradas pelas mulheres nesse contexto. Tal como ocorreu com muitas mulheres, Maria Firmina dos Reis, precisou reger uma série de relações para conquistar um espaço para publicar os seus textos. Para além deste debate, procura-se através do conceito de *trajetória social* cunhado por Pierre



Bourdieu (1996) compreender melhor as dinâmicas de circulação da literatura negra no *período imperial*. Para tanto, será necessária uma análise interna e externa à obra.

Por isso, como etapa teórico-metodológica, foi importante realizar um recorte nas esferas de dominação existentes dentro do universo do mundo artístico, as relações de autonomia e heteronomia dos escritores com o campo literário que se relaciona com o processo de consagração ou exclusão do campo literário, bem como a profissionalização das atividades literárias. Aferiu-se a partir da pesquisa iniciada as relações delicadas que Maria Firmina dos Reis buscou tecer com as dimensões de poder da época que atravessaram o campo literário: a imprensa e o poder político. Ou seja, as instituições intrínsecas e formadoras da atividade literária no país no período entre 1860 e 1920 (MICELI, 2001). Segundo Bourdieu (1996),

O produtor da obra de arte não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo ou crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado como obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente construída como obra de arte por expectadores dotados de disposição e competência estéticas necessárias para conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras de arte tem por objetivo não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra, ou o que dá no mesmo, a crença no valor da obra (BOURDIEU, 1996, p. 270).

Portanto, as inquietações iniciais desta investigação consistem em realizar um estudo sobre a trajetória social de Maria Firmina dos Reis e conhecer a formação das instâncias legitimadoras do campo literário brasileiro, seu processo histórico, as mudanças que culminaram na autonomização do campo, bem como



a consagração póstuma da escritora, pois, não existe a possibilidade de compreender a sua notoriedade, ainda que póstuma, sem entender a própria autonomização do campo literário no Maranhão. Faz-se importante também destacar a formação da sensibilidade estética da autora, relacionada com os aspectos emocionais e sociais da sua história de vida.

Sobre os aspectos emocionais da autora, percebe-se que em sua infância sua trajetória contém dispositivos de proteção cultural ou motivações étnicas, que são reflexo da alteridade advinda do próprio contexto desreferencializador e da condição *outsider* de Maria Firmina dos Reis. De acordo com Elias e Scotson (2000),

Costumeiramente, os membros dos grupos *outsiders* são tidos como não observantes dessas normas e restrições. Essa é a imagem preponderante desses grupos entre os membros dos grupos estabelecidos. Os outsiders, tanto ao caso de Winston Parva quanto noutros locais, são vistos – coletiva e individualmente – como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 28).

Nos primeiros anos de vida a autora adquiriu o hábito ou gosto de ler obras raras, tais como Shakespeare, Gonçalves Dias, Lord Byron e outros escritores (as). Ao investigar a sua trajetória, observam-se vários dispositivos que atestam a sua inclinação para as atividades literárias a partir de alguns elementos: instrumentos de proteção cultural, a forte relação com a religião, a tradição livresca (traduzida na relação com seu mentor intelectual, Sotero dos Reis), o aprendizado que a leitura e o estudo das obras clássicas que renderam, entre outros fatores da



herança cultural dos negros, bem como a do Maranhão. Como também outros mecanismos de compensação social presentes nas relações de *hexis* corporal, ou estigmas corporais, a exemplo da condição de mulher negra, num país profundamente escravocrata e misógino (MICELI, 2001).

O apuro estilístico, bem como o da linguagem, enriquecida através das complexas experiências vividas, fez de Maria Firmina dos Reis produtora de reflexões atemporais, que carregam uma caracterização bastante pontual do universo escravista e das relações patriarcais. Atrelada a necessidade de compreender a sua cosmologia, percebe-se a urgência de se investigar o processo de formação de um mercado de bens simbólicos para as pessoas negras no Brasil, por meio das relações que Maria Firmina estabeleceu com os jornais, o mercado editorial e com o Estado, já que seu primo era um dos maiores expoentes do campo político e intelectual da época. Diante do sumário traçado, este artigo também visa destacar a importância das atividades jornalísticas para a modernização e a circulação das ideias no Brasil.

A informação legítima, a primazia da notícia inteligível por si mesmo são um dos aspectos também observáveis no nascimento do jornal do Brasil. O surgimento do romance surge na era da informação e na fase tipográfica da imprensa, inserido no bojo de um novo contexto social no Brasil Imperial. Nesse sentido, observamos que as narrativas jornalísticas e o romance surgem nesse novo contexto do país.

Ao denominar que o campo literário tem leis específicas e atua em relação a menor ou maior dependência do escritor com as instâncias de poder, Bourdieu



(2003) compreende que os artistas atuam ora conservando, outrora rompendo com as premissas existentes neste espaço. O campo literário é o espaço de produção dos bens simbólicos e emerge da contradição em agir 'desinteressadamente' em relação ao capital econômico; todavia, ele surge pelo interesse em legitimar uma distinção. Cabe à sociologia da arte ou à sociologia da literatura desvelar os interesses inscritos na obra de arte, a posição e o destaque dos sujeitos na estrutura social. É oportuno saber o que diz Bourdieu (2003) a respeito:

O capital do artista é um capital simbólico e nada mais é senão de que a disputa de honra entre os cabilas do que as disputas intelectuais. Em várias disputas o que está aparentemente em jogo esconde questões de honra (...). Este capital simbólico é um percipi necessário nas crenças das pessoas engajadas no campo (BOURDIEU, 2003, p. 181).

Bourdieu (2003) destaca que para os artistas aspirantes imbuídos da *ilusão*, o interesse em 'jogar o jogo' das expectativas do campo literário emerge, contraditoriamente, negando as 'regras' desse campo, criando um estilo autêntico e vanguardista. Há também os conservadores que, após terem suas obras consagradas, passam a usufruir da legitimidade adquirida. Portanto, podemos observar que as obras de arte são dotadas de autonomia e de heteronomia em relação ao campo literário e estão intimamente relacionadas à estrutura do campo em que se produz e reproduz a crença (GRENFELL, 2018). Na perspectiva de Bourdieu (1996), cabe salientar que,

Essa taxonomia indígena, nascida da luta das classificações de que o campo literário é o lugar, tem por virtude lembrar que, em um campo ainda em constituição, a posição interna deve em primeiro lugar serem compreendidas como tantas umas especificações da posição genérica dos escritores (ou do campo literário) no campo de poder ou, se quiser, como



umas tantas formas particulares da relação que se instaura objetivamente entre os escritores em seu conjunto de poderes temporais (BOURDIEU, 1996, p. 89).

Analisando a trajetória de Maria Firmina dos Reis, surge o seguinte questionamento: como podemos compreender sua ascensão se ela não se encaixava no perfil do escritor tradicional da época, isto é, não pertencia aos estratos privilegiados da oligarquia? Embora a autora seja oriunda de uma família que tinha alguns privilégios, ela não tinha os mesmos trunfos da elite maranhense, pelo fato de naquela sociedade ainda imperar o discurso escravagista e ela ser uma mulher negra. Neste sentido, como podemos explicar uma consagração, mesmo de forma tardia?

Para responder acerca dos trunfos e óbices vivenciados por Maria Firmina dos Reis, é preciso atentar para os estudos de Sociologia da Cultura que, inicialmente, apontam para o capital cultural a partir das competências educacionais. Esses aspectos relacionam-se à alguns pontos marcantes da sua trajetória, a saber: a) a escolarização privilegiada de Maria Firmina dos Reis obtivera no Maranhão, na época em que ela aprendeu a ler, os professores ensinaram de forma autônoma, em suas casas, e não havia escola pública ou particular para mulheres. Somente 20 anos após seu nascimento, começavam a nascer as escolas públicas no Maranhão; b) destaca-se o desenvolvimento avançado do campo literário em formação no Maranhão, que abrigava escritores como Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Aluísio de Azevedo entre outros. A relação com seu primo, Sotero dos Reis, pode ter influenciado a autora no sentido de



despertá-la ou incliná-la para as atividades literárias, através da tradição livresca³; c) faz-se importante também a investigação das suas relações com os jornais da época, já que elas traduzem o seu poder de influência em meio às várias nuances do campo literário, não somente isto, o *status* de servidora pública na época conferiu à ela um respaldo perante a sociedade que lhe possibilitou transitar em várias esferas sociais e assim conseguir negociar e difundir os seus textos.

DESENVOLVIMENTO: TEMÁTICAS TRAZIDAS POR MARIA FIRMINA DOS REIS

Percebemos que nas temáticas presentes nas obras de Maria Firmina dos Reis há sempre a humanização dos negros e a não estigmatização deles nas suas narrativas. Neste sentido, ela apresentou os negros de forma crítica e enobrecedora, em contraponto ao que era observado nos romances da época. *Úrsula*, por exemplo, é ambientado neste cenário, onde a mocinha tenta a todo custo fugir das perversidades de seu tio. Praticamente toda a sua família: seu pai, o melhor amigo e seu marido, são assassinados por este desejo patriarcal. Após o trágico desfecho, onde a mocinha vai parar nas mãos do tio malvado, ela enlouquece, como forma de fugir deste lugar. O tio é perdoado pela sociedade misógina, que era a sociedade da época onde a autora viveu. O ambiente de incesto e de enlouquecimento é recorrente nas narrativas de Maria Firmina e observamos isto também no romance *Gupeva*.

³ A violência vivida pela autora é de uma complexidade singular, além de vivenciar os impedimentos citados pelo complexo sistema escravagista, ela tem uma ampla aceitação, mas vivencia uma dupla posição no campo que é a de usufruir de benefícios pelas relações de fátia ou linhagem, e de ser uma mulher negra e paralelamente lutar pela escravidão. Desta forma, este trabalho tem por objetivo estudar sua legitimação de forma dialética – concomitantemente se verifica o consumo de textos abolicionistas, ao mesmo tempo em que é vivenciado uma presença muito hostil à presença feminina no campo literário brasileiro (MICELI, 2001).



Podemos dizer que há um esforço da escritora em humanizar os personagens e dar-lhes um contorno mais aproximado da experiência de uma sociedade livre. E nisso consiste a principal modernidade em seus textos, onde a autora tenta fugir a todo tempo das imagens de controle tão presentes no imaginário brasileiro. Entretanto, a autora cai em uma delas, que tem relação com a maternidade das mulheres negras. Percebemos que a *Úrsula* morre num momento crucial, quando há a possibilidade de ser mãe, mesmo sendo uma personagem branca, podemos perceber que quando a maternidade não é utilizada para escravizar as mulheres, ela se torna inacessível ao imaginário da autora, mesmo ela sendo uma autora vanguardista para a época. (DUARTE; TOLENTINO; BARBOSA; COELHO, 2018).

Para além dos escritos de Patrícia Collins (2020) que destaca a importância das *imagens de controle* para a compreensão da sociedade e das mulheres negras, percebemos nestas personagens o principal traço da escravidão no Brasil, ou seja, o mito do ninho roubado. Percebe-se que as mulheres negras, tais como descritas por Ângela Davis (2016), entre outras, enfrentaram aspectos específicos nascidos da intersecção entre gênero e raça. A mulata sensação, a negra mula de carga, a empregada subserviente, gentil e amorosa que é mãe afetiva de filhos que não são seus, representa este lugar, bastante pronunciado pelas *imagens de controle*. Fazer uma digressão dos personagens da história, significa perceber a importância de compreender como estas imagens estão alocadas no interior daquela sociedade.

Podemos falar que o principal livro da escritora tenta fazer uma denúncia sutil através do romance entre *Úrsula* e *Tancredo*. Os dois são vítimas de uma sociedade profundamente misógina, já que suas mães são respectivamente



atingidas indiretamente pelo desejo dos homens. Maria Firmina dos Reis ao mesmo tempo em que procura denunciar o genocídio impetrado às mulheres, ela revela a violência incutida na sociedade patrimonial e aponta a força dos personagens masculinos ao descartar suas esposas, irmãs, e o assassinato em nome da masculinidade. Para além disto, em seu texto há um fenômeno pouco percebido na literatura romântica da época, que é a recorrência do incesto, a relação amorosa entre familiares, principalmente entre homens mais velhos e mulheres mais novas.

O pai de Tancredo comete uma forte violência psicológica contra sua esposa, dado ao desejo que ele tinha pela filha adotiva, Adelaide, e o tio de *Úrsula* tanto foi capaz de assassinar o cunhando, bem como o esposo dela para sustentar o seu romance com ela. Outro ponto alto do livro é a discussão de pano de fundo da escravidão, presente num diálogo entre Túlio e a Suzana. Apesar de ser um texto profundamente forte, há a rememoração dos negros na África, da família deixada e do holocausto vivido, mesmo assim a escritora não esquece a complexa narrativa poética que faz do texto dela um presente para se ler.

Os meandros em que são contadas as histórias das personagens tem uma dimensão dramática em que nada deve aos melhores clássicos de literatura brasileira. No diálogo entre *Túlio* e *Suzana*, em primeira pessoa, é contada a forma de captura dos negros na África, as condições do transporte para o Brasil e as torturas que foram cometidas contra eles. Nesse aspecto percebemos a dimensão do que a obra discute, ainda em 1860, quando comparada a romantização acerca da miscigenação no país, bem como a tematização indígena e a total omissão acerca da escravidão no Brasil.



RESULTADOS: TRAJETÓRIA, TRUNFOS, *HANDICAPS* E CAMPO LITERÁRIO

No que tange a perseguição de temas relativos à presença das mulheres negras nas artes, sobretudo a representação dos negros na literatura, nos mais variados meios de circulação literária, percebe-se que há um fosso profundo relativo à presença deles em diversos períodos históricos⁴. A vida e a temática escravidão sempre estiveram presentes no bojo dos discursos abolicionistas nos mais diversos jornais da época. E contemporâneos a Maria Firmina dos Reis, havia vários expoentes deste coro, tais como João da Cruz e Souza (1861-1898), Luiz Gama (1830–1882), Auta de Souza (1876-1901) e Luciana Abreu (1847 –1880). Entretanto, quando observamos o conjunto das representações nas instituições literárias, percebemos um apagamento completo ou quase total dos negros como produtores de cultura e de conhecimento. Um exemplo típico desta exclusão das pessoas negras do cânone, mais especificamente das mulheres, é a própria trajetória de Maria Firmina dos Reis. Contraditoriamente, ela publicou nos mais diversos jornais no Brasil, mas teve suas obras literárias profundamente rejeitadas por um círculo erudito presente na época.

As suas principais obras foram: *Úrsula* (1859), *Guapeava* (romance de temática indigenista, 1861), *Cantos à beira-mar* (poesia, 1871), *A escrava* (conto

⁴ Entretanto, observando o traçado e caminhos de consagração de muitos escritores, faz-se importante destacar a importância dos acervos jornalísticos, dentro do conjunto de acervos mais gerais, para a percepção do que seja as vias muitas vezes tortuosas que muitos escritores precisaram atravessar para que seus escritos tivessem algum respaldo na sociedade. Isto quer dizer que, antes de tudo, que muitos dos trunfos usados pelos escritores pode estar esquecido ou totalmente silenciado, por equívocos metodológicos e conceituais que tendem a congelar as mais diversas produções intelectuais dos escritores seja nos jornais, e em outras tantas dimensões, por serem consideradas de categoria menor (BOURDIEU, 1996).



antiescravista, 1887) e *Antologia Poética Parnaso Maranhense* (1861), todas desconhecidas de um público mais geral, fora de São Luís. Contudo, ela atuou fortemente em vários periódicos do Maranhão: *o Federalista*, *o Pacotilha*, *o Diário do Maranhão*, *a Revista Maranhense*, *o País*, *o Domingo*, *o Porto Livre*, *o Jardim das Maranhenses*, *o Semanário Maranhense*, *o Eco da Juventude*, *o Almanaque de Lembranças Brasileiras*, *a Verdadeira Marmota*, *o Publicador Maranhense* e *a Imprensa*⁵.

No período oitocentista, o romance de folhetim nascia desta intersecção da imprensa com o mercado literário, sendo bastante citado por Bourdieu (1996) como uma etapa fundante do romance moderno nascido no século XIX. A complexidade do mercado editorial brasileiro é observada quando percebemos o número de editoras ainda no período imperial e a quantidade de romances ainda em circulação no Brasil através do romance de folhetim. As pouquíssimas editoras não dariam conta de publicar a maioria dos textos e por isso, antes de serem publicados como livros, a maioria dos romances eram publicados nos jornais. Isto quer dizer que a circulação da maioria das obras literárias, as mais importantes do Romantismo, no período imperial, circulavam através dos jornais. Com isto, percebe-se que a trajetória de Maria Firmina dos Reis conflui-se com a própria

⁵ Todavia, além de destacar a importância de ao mesmo tempo reivindicar o lugar das escritoras negras, para além dos escritos das autoras, como por exemplo, a dinâmica política daquela região, como também, as relações de influência tecidas pelos mais diversos escritores, o que nosso objeto de investigação, que são as narrativas de escritoras negras, está atrelado consequentemente à investigação da imprensa, sendo esta uma especificidade metodológica do período oitocentista, e até meados dos anos de 1940 no Brasil. A imprensa só assume um papel secundário em virtude do surto editorial existente no Brasil, após a década de 30, onde se complexificam as teias de circulação literária, através dos institutos culturais, da expansão das várias editoras no Brasil, da criação de bienais, e a proliferação dos museus, bem como, e não mais importante, a expansão da educação secundária e superior no Brasil.



formação do mercado editorial brasileiro, e não somente com isso, ela coincide com a expansão do processo de libertação feminina, e principalmente com o advento da abolição da escravatura.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís (1822 –1917) e realizou grandes feitos em pleno período escravocrata e senhorial. Mulata e bastarda, prima do escritor Sotero dos Reis, por parte de mãe, morava na casa de uma tia materna, melhor situada economicamente. Lá cursou o primário, foi educada por esta tia e Sotero dos Reis, que exerceu forte influência sobre sua trajetória, o que pode ser observado nos poemas que ela dedicou a Sotero. Em 1847 tornou-se professora primária e em 1881, aposentou-se. Foi neste período que ela fundou a escola mista no Maranhão, mas logo após teve que fechá-la em virtude das pressões políticas da época⁶.

Todavia os textos de Maria Firmina dos Reis só ganharam a devida atenção quando Horácio de Almeida acha o seu livro, *Úrsula*, em um sebo no Rio de Janeiro. Outro achado importante foi um álbum de recordações deixado por ela, que data de 1885, que tem textos valiosíssimos para entender a sua trajetória, e que representam as estratégias mobilizadas pela escritora diante de um cenário tão violento para as mulheres negras. Tal compêndio foi deixado por ela e traz vários registros de mais de um século e aborda a rotina de sua vida.

⁶ O florescimento do Movimento Negro, bem como a investigação de vários grupos de pesquisa, tais como o ‘*Mulher e Literatura*’ em um grupo de Trabalho da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), paralelamente ao crescimento de Associações Negras não governamentais, bem como o aparecimento de uma intelectualidade negra deram margem ao fortalecimento destas teias de investigação da literatura negra.



Na época em que Maria Firmina dos Reis viveu no Maranhão, poucas mulheres frequentavam as escolas. O patriarcalismo bem representado em seu livro *Úrsula* e dentre tantas obras, destaca este universo perverso no período da escravidão. O Maranhão nascia como província no período de 1534 quando a coroa brasileira dividiu o espaço geográfico em Capitanias Hereditárias. A região foi palco de um grande crescimento econômico, isto porque ocupava o segundo lugar entre os estados industriais, e naquela época, estava à frente da capital federal, a primeira ocupação era francesa. No século XX um conjunto de fatores fez com que o Maranhão perdesse este posto. No contexto histórico da *Belle Époque*, a vida cultural no Maranhão ganhou uma intensidade expressiva. A literatura ganhava destaque nacional, o que fez do Estado um grande cenário da prosa e da poesia.

Sérgio Miceli (2001) nos fala dos trunfos existentes através do arranjo familiar, neste sentido, observamos que a escritora tem ao seu favor uma vasta rede de influências advindas das redes tecidas pelo seu primo, seu mentor, Sotero dos Reis. Ele participava dos maiores círculos literários da época e compunha a elite intelectual do Maranhão. Estes trunfos são estudados, dada a importância deles com as dimensões de poder.

De acordo com Sérgio Miceli (Ano) as atividades escritas possuem profundas relações com o jogo de poder da sociedade, portanto, os escritores, comumente têm uma relação direta com as oligarquias locais e com as camadas mais pobres destes estratos e se utilizam do capital social que dispõem, mas não mais do capital financeiro (porque são camadas em declínio social) e sim como forma de permanecer no jogo de poder. Este é o contexto da trajetória de Maria



Firmina dos Reis, embora ela também desfrutasse de outros trunfos, por exemplo, o campo literário em expansão no Maranhão, mesmo que tenha sido um dos últimos estados a compor o sistema colonial, a região teve uma participação ávida no que tange a produção de intelectuais e escritores.

Inicialmente pode-se dizer que Maria Firmina dos Reis tinha uma habilidade rara naquela época, que era ler e escrever, e essa qualidade ‘técnica’ a fez se sobrepôr às muitas barreiras sociais existentes naquele período, por ser uma mulher negra. Pode-se dizer que saber ler naquela época, equivale-se hoje ao conhecimento de mais de 23 línguas diferentes, habilidade experienciada por Guimarães Rosa.

Neste sentido, percebe-se que Maria Firmina dos Reis atuava em vários jornais naquela época e teve o anúncio de *Úrsula* citado por mais de 50 vezes em diferentes periódicos. Desta forma, observa-se que os textos de Maria Firmina dos Reis, mais especificamente o anúncio do romance *Úrsula* circulava em meio aos anúncios de venda de escravos no Período Oitocentista. Pode-se dizer que, relativamente, a projeção que ela conquistou veio do lugar privilegiado de editor que seu primo possuía. No período de 1956 a 1961, Sotero dos Reis, assumiu a redação do *Publicador Maranhense*, o jornal oficial mais importante do Maranhão, que tinha duas tiragens por ano. Coincidentemente no mesmo período, a escritora consegue publicar o seu romance, *Úrsula* pela tipografia *Progresso*.

Neste sentido, a literatura de Maria Firmina dos Reis aponta a tensão existente no campo literário dessa época e a batalha existente no plano ideológico, que tinham uma forte relação com as contradições existentes no Brasil



desse período, isto porque, já havia um grande contingente de negros libertos no país, conforme destaca Lélia Gonzales (2020). No período da abolição da escravidão havia 90% de escravos livres no Brasil, o que ocasionava as fortes ideias abolicionistas que circulavam na época.

Os jornais da época⁷ refletiam a dicotomia que o sistema escravagista demonstrava, onde é possível encontrar registros dos mais diversos tipos, desde anúncio de venda ou busca de escravos fugidos, sentenças de penas de alguns escravos por vadiagem, ou simplesmente por se encontrarem-se embriagados na rua. Para além disso é chocante a descrição física de alguns escravos que estavam fugidos, que são descritos cheios de doenças no rosto e dilaceramento físico, como cortes no rosto, dentre outras marcas. Em alguns anúncios há a denúncia, por parte dos jornais do estado desses escravos, por isso defende-se neste trabalho que a Maria Firmina dos Reis encontrou um terreno propício para seus escritos, onde já havia um embate de opiniões nos jornais acerca da escravidão.

O fato de Maria Firmina ser funcionária pública e formadora de opinião da região, rendeu-lhe diversos registros nos vários jornais da cidade. As viagens que realizou, as licenças que retirou, a sua aposentadoria⁸, várias outras questões

⁷ Os jornais pesquisados foram *O Pacotilha*, *O Publicador Maranhense* e *O Seminário Maranhense* entre o período de 1842 até 1900. Nesses jornais foi possível fazer um recorte da maioria das instituições da época, pois, havia poucas diferenciações entre elas, e o meio de comunicação oficial do Estado eram os jornais.

⁸ Esses registros foram encontrados por mim, de forma inédita, e não estão presentes no maior portal de informações acerca de Maria Firmina dos Reis, o *Portal Firminas*, nem no *Blog* de Sérgio Barcellos Ximenes, outro grande pesquisador que encontrou inúmeros registros inéditos acerca de Maria Firmina dos Reis, nem em teses e dissertações sobre a mesma.



referentes a sua vida profissional e financeira. Nos principais jornais do Maranhão, o *Publicador Maranhense* e a *Pacotilha* podemos verificar que ela solicita em 19 de novembro de 1879 (O PUBLICADOR DO MARANHÃO, 1879) uma licença sem vencimento de forma que continue a receber seus provimentos e assim lhe foi concedido, bem como é descontado por mês um valor do aluguel de sua sala que utiliza como escola. Neste sentido percebemos que a escritora detém um certo respaldo perante as instituições governamentais. Podemos também afirmar que ela também recebe valores indenizatórios por sua atividade como professora⁹.

Além do sofrimento dos escravos ser algo explícito nos jornais é latente as homenagens feitas às pessoas que morreram, muitos dos poemas avulsos de Maria Firmina possuem esse cunho, onde ela tece homenagens às pessoas ilustres que morreram. Também é comum o jornal citar a passagem da escritora pela cidade de São Luís de forma a homenageá-la no momento de sua aposentadoria (O PUBLICADOR DO MARANHÃO, 1879). Outro fato interessantíssimo da sua trajetória é sobre a renovação da sua licença pela segunda vez, fato que gerou um forte rebuliço entre os funcionários do governo. Neste sentido, percebe-se a sua relevância para o Maranhão, mesmo sem estar com toda a documentação comprobatória, ela consegue a renovação da sua licença e assim ter condições de pleitear a sua licença saúde (O PUBLICADOR DO MARANHÃO, 1880).

⁹ Observa-se que Maria Firmina dos Reis solicitou várias licenças no período de 1860 e 1890, e realizou diferentes atividades durante sua vida. Neste sentido, percebemos que ela, além de ensinar, realiza várias atividades simultâneas ao longo de sua vida. Todavia, a sua morte, não é registrada nos obituários dos jornais, tendo em vista o ostracismo a que foi legada.



A profusão de escritores maranhenses presentes no século XIX, deu ao lugar o apelido de Atenas Brasileira e dentre os seus ilustres expoentes, podemos citar: João Lisboa e Joaquim da Serra no jornalismo, Sotero dos Reis na filologia, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, Sousândrade, Gentil Homem de Almeida e Braga e Trajano Galvão na poesia, Antônio Henrique Leal na historiografia, entre outros.

Seguindo as premissas existentes acerca do campo literário assim como destaca Pierre Bourdieu (1996), podemos apontar que mesmo que a colonização tenha ocorrido de forma tardia no Maranhão e o desenvolvimento desse espaço tenha ocorrido de forma tardia, percebe-se que já havia condições materiais e sociais de desenvolvimento de grandes intelectuais tendo em vista as trocas comerciais e o trânsito com outros países da Europa na região.

No início do século XIX o Maranhão detinha o maior contingente de escravos, cerca de 66%. Em 1835 este número caiu pela metade e apenas 101 mil africanos foram deportados em águas maranhenses. Na época em que viveu, São Luís, capital do Maranhão, assim como a maioria das cidades brasileiras não permitiam o ingresso de mulheres no ensino secundário e superior. Percebe-se que a escolarização de Maria Firmina dos Reis teve grande influência do seu primo, que morava a trezentos metros de sua casa.

Sotero dos Reis, seu primo, além de ser um dos maiores expoentes do campo literário na época, colaborou como escritor para inúmeros jornais, além de fundar outros. Ele dirigiu o *Liceu Maranhense*, um dos colégios referências na região, onde só era permitido o ingresso de homens. Certamente, foi ele que influenciou a entrada de Maria Firmina dos Reis na vida literária. Naquela época,



era comum a educação ser feita através de um preceptor, já que não existiam escolas, elas só surgiram em 1844. Portanto, suspeita-se que a escritora tenha frequentado a aula de primeiras letras da professora Henriqueta Cândida Ferreira, na rua do Ribeirão, onde lecionava desde 1830. Sotero dos Reis, morava na rua 39 e mantinha-se próximo a Leonor. Exercia o cargo de Inspetor da Instrução da Província, equivalente ao secretário estadual de educação, posição que ajudou a conseguir o ingresso de outros parentes da autora no ensino público primário. Maria Firmina dos Reis, só se distanciou de Sotero dos Reis, seu primo, quando foi aprovada num concurso público na cidade de Guimarães, em 13 de agosto de 1847.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens de controle decorrem da condição estratégica das instituições na produção de posições de dominação. São estratégicas, pois, nelas filtram-se elementos que, para além de atualizar, constroem os imaginários acerca das relações raciais no Brasil, dentro das quais autoras negras são subalternizadas. A partir das premissas de Sueli Carneiro (2005 b), observamos que estudar as mulheres negras e sua produção acadêmica e intelectual é ir de encontro ao epistemicídio observado nos ambientes acadêmicos, quando percebemos que há um apagamento do pensamento das pessoas negras como produtoras de interpretações e leituras da realidade. Ao compreender este cenário, estudar escritoras negras faz parte de um contínuo da história em que é preciso atentar aos dilemas e leituras feitas por elas, compartilhando de suas respectivas capacidades de interpretar literariamente o Brasil.



Atrelado à importância do próprio estilo literário desenvolvido por mulheres negras, percebe-se a necessidade de investigar o processo de formação de um mercado de bens simbólicos para pessoas negras no país. Observa-se que, por meio de inúmeros jornais feministas que circulavam na época, os escritos de mulheres já eram compartilhados desde o período imperial: o volume de informações aqui reunidos pode surpreender. No total, são 143 títulos de revistas e jornais femininos e feministas que circularam no país ao longo do século XIX (DUARTE, 2015, p. 05).

Entretanto, quando se trata de escritos de mulheres negras, raras são as referências que temos. Havia poucos expoentes negros na imprensa oitocentista, ainda que os jornais abolicionistas tivessem grande circulação. O nível baixíssimo de inserção dos negros nas escalas educacionais foi fator de extrema relevância para perpetuar essa não inserção dos negros no campo literário, agravada pelos altos índices de analfabetismo a que foi relegada a essa população. Ademais, é sabido que nenhum dos jornais feministas, criados por mulheres ainda no século XIX eram voltados às mulheres negras; todavia percebemos que muitos tinham no seu bojo o discurso abolicionista.

A trajetória de Maria Firmina dos Reis conflui-se com a pré-organização de instituições literárias no Brasil, sem as quais não seria possível desenvolver o mercado livreiro no país. Essas instituições assentaram-se principalmente nas atividades jornalísticas que se imiscuem ao poder político da época. Podemos perceber que a escritora esteve bastante vinculada à imprensa na medida em que ela conseguia sua ascensão por meio do reconhecimento do setor jornalístico. As mudanças ocorridas na estrutura de sensibilidade da época, bem como a



complexificação do Estado, e o progressivo aumento da taxa de alfabetização da população por meio da escolarização, foram fundamentais para o período de disseminação da cultura escrita no Brasil. Um traço é característico da relação dos escritores com a imprensa no Brasil: não atuavam em instâncias autônomas, já que toda a sua atividade intelectual provinha da imprensa, que era dominada pelos setores oligárquicos. A maioria dos escritores mantinham relações com os setores oligárquicos que comandavam o país, pois, também eram os donos dos jornais (MICELI, 2001).

Podemos dizer que a complexidade dos textos de Maria Firmina dos Reis, na poesia, no romance e nos contos é reflexo do mundo múltiplo que a autora vivenciava. Por um lado, é herdeira do romantismo na medida em que as leituras das obras clássicas que fazia a influenciou para a qualidade e o refinamento da sua escrita. Por outro lado, os elementos do Realismo que a autora antecipa tem a ver com a experiência *outsider* no campo, a qual a coloca em profunda reflexão crítica da sociedade, bem como a impulsiona a inaugurar um estilo autêntico neste mesmo campo. Neste sentido, parafraseando Pierre Bourdieu (1996), não é possível fazer uma análise de sua obra sem conhecer as dimensões sociais que a circundam, já que a análise interna não sobrevive sem a análise externa.

Portanto, escrever este artigo é antes de tudo remexer os escombros da memória de um país que engatinhava no que tange a prática da própria liberdade. Denunciar através das narrativas de libertação dos negros não somente significava retirar da rotina deles os linchamentos, as penúrias sociais, os estupros e os assassinatos cometidos contra eles, o que também revela a anulação da subjetividade, sentida simbolicamente pelas pessoas negras até os dias de hoje.



Significava também libertar os brancos e um país de um jugo social, político e econômico, quando se observa que o sistema escravocrata representava um atraso mediante às novas transformações ocorridas na Europa e no mundo. A degradação paulatina da ordem senhorial, tal como nos apresenta Florestan Fernandes (1975), e que é vivida por Maria Firmina dos Reis vem destacar como as feridas da escravidão ainda continuam abertas quando observamos a sua trajetória.

Neste sentido, a narrativa da autora encontra-se profundamente atual para interpretar os fenômenos do Brasil contemporâneo. A desagregação que os negros vivenciam na narrativa de *Úrsula*, bem como a misoginia percebida nas estatísticas de feminicídio no país, principalmente quando falamos de mulheres negras é um traço que ressalta que eles ainda são os mais atingidos pelos males sociais e pela estrutura desigual que a nossa sociedade vive. O renascimento dos textos da autora e a dimensão que sua obra ganhou 150 anos depois de produzida tentam interpretar este país que ainda na década de 1950 linchava negros simplesmente por desagradarem a qualquer ordem senhorial, ou por terem a ousadia de frequentarem os espaços públicos, como as escolas e as universidades. Neste sentido, não há como não relacionar literatura à política, o que denota que este é um debate urgente a ser feito na nossa sociedade.



REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

COLLINS, Patrícia Hill. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima; TOLENTINO, Luana; BARBOSA, Maria Lúcia; COELHO, Maria do Socorro Vieira (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GRENFELL, Michael. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1879. Edição 269, p. 01.

O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1879. Edição 269, p. 05.

O PUBLICADOR DO MARANHÃO. São Luiz: O Publicador do Maranhão, 1880. Edição 040, p. 02.

Recebido em: 15/03/2024

Aprovado em: 01/04/2026